PROJETO DE RESOLUÇÃO N° 40/13

Concede o Título de Cidadão da Cidade do Salvador a João Batista da Rocha Lemos (Batista) e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

RESOLVE:

Art. 1º Fica concedido o Título de Cidadão da Cidade de Salvador a João Batista da Rocha Lemos (Batista).

Art. 2º A Mesa da Câmara Municipal fica autorizada a providenciar a entrega do Título, em Sessão Solene, previamente marcada e convocada para este fim.

Art. 3º As despesas decorrentes da presente Resolução correrão por conta da verba própria do Orçamento vigente.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 29 de abril de 2013.
EVERALDO AUGUSTO.

JUSTIFICATIVA

João Batista da Rocha Lemos nasceu em 1953, em pleno fevereiro de carnaval em Jundiaí, Estado de São Paulo. O início do seu engajamento político, ainda na adolescência, coincide com o período mais repressivo da Ditadura Militar, que acabara de editar o AI-5. A repressão se abatia ferozmente sobre os sindicatos, organizações estudantis, parlamentares democráticos, lideranças populares e religiosos progressistas. O Congresso Nacional estava fechado e as cassações de intelectuais, sindicalistas e opositores de qualquer matiz se tornava uma rotina na vida política brasileira. Neste contexto, havia poucas oportunidades de participação política do jovem João Batista, mas o espírito rebelde que viria a se tornar uma marca na sua vida, não o deixava ficar à margem dos acontecimentos.
Naquele tempo, as organizações vinculadas à igreja católica surgiam como uma das poucas alternativas de participação política de quem se opunha ao regime militar. O que era uma contradição, já que alguns anos antes a própria igreja católica deu apoio ao golpe de 1964. Contudo, as suas pastorais, sobretudo aquelas que aglutinavam a juventude e os

trabalhadores, rapidamente passaram a se articular tendo como elemento motivador a luta por liberdades.

Aos quinze anos, João Batista inicia sua participação política, em 1968, no movimento estudantil secundarista da Juventude Estudantil Católica – JEC, que, depois se organizou na AP, Ação Popular, organização de esquerda que, em seguida se fundiu ao PCdoB. Foi detido logo que foi decretado o AI-5, panfletando para uma passeata. Naquela época participava da FES – Frente Estudantil Secundarista. Mobilizando os estudantes de dentro da sala de aula para as passeatas contra o acordo MEC– USAID do governo entreguista da ditadura.

Através da militância juvenil, ele faz contatos com organizações de operários similares à JEC. No início da década de 70, João Batista já é um militante da JOC, Juventude Operária Católica, atuando em várias cidades no entorno de São Paulo e na Zona Leste da capital paulista. Em 1972, começa a ter contato com o PCdoB com um trabalho de apoio à guerrilha do Araguaia, que consistia em arrumar remédios, roupas e outras ações. Ingressa no Partido em 1974, ao mesmo tempo em que deixa o trabalho com o mimeógrafo na gráfica de uma escola do curso de Madureza Evolução, para trabalhar na fábrica da General Electric (GE) na função de ajudante de produção – "A", ao mesmo tempo em que deixa a escola no primeiro ano do colegial. No novo emprego, inicia a organização da oposição sindical à diretoria pelega e patronal do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas.

Depois de desenvolver intensa atividade política organizando os operários da região de Campinas, João Batista é deslocado pelo partido para atuar na região de São Bernardo. Em 9 de novembro de 1977 começa a trabalhar como prático 2 – ajudante de produção, na ala 5 da Volkswagen.

Quando estoura a histórica Greve da Scania e setores da Volks, em 1979, Batista, em contato com os grevistas, consegue estruturar uma célula, o que lhe dar condições de participar do comando de greve. Cursa no SENAI, no interior da Volks, e conclui o curso de Inspetor de Qualidade, sendo transferido para o setor de prensas Ala2. Faz um bom trabalho de sindicalização denunciando a insalubridade sonora, o que permite a adesão coletiva dos trabalhadores. Consegue a filiação ao sindicato, de mais de mil companheiros. Esse trabalho lhe abre as condições para participar do comando da greve de 1980. Batista é eleito pela comissão de mobilização para diretoria da Associação Beneficente Cultural dos Metalúrgicos do ABC, o fundo de greve.

É indicado pela diretoria de Lula para participar no comando de greve do Sindicato dos metalúrgicos do ABC. Batista é um dos oradores na assembleia no campo da Vila Euclides que decretou estado de greve, assim como na assembleia que decretou a greve de 41 dias. É demitido da Volkswagen por participar da comissão de mobilização. Em 17 de junho de 1980, três meses depois que encerrou a greve, é admitido na Mercedes Bens, fábrica de montagem de caminhões. Começa as articulações para a eleição do Sindicato e, aos poucos, vai compondo a célula do Partido. Elabora junto a outros companheiros o boletim chamado BIP, Boletim Interno do Peão.

Após este período de participação intensa na vida operária, João Batista ficou visado pelo patronato e não conseguia mais trabalhar nas grandes fábricas, porém este fato não o afastou da luta operária. Em 1983, é eleito no 6º Congresso do PCdoB para o Comitê Central do Partido, compondo a Secretaria Sindical, dirigida por Ronald Freitas. Em 1987, o partido decide fundar a Corrente Sindical Classista (CSC), sendo Batista o principal articulador desta fundação e membro da sua primeira coordenação.

No 8º Congresso Nacional do PCdoB, Batista foi eleito secretário Nacional Sindical do Partido. A partir deste momento, passa a exercer importante papel na reorganização do movimento sindical classista em todo o País e orienta o ingresso da CSC na CUT, Central Única dos Trabalhadores, em 1991. Este foi um fato importante para a consolidação do trabalho sindical partidário e que durou até o ano de 2007, quando a CSC decide criar uma nova Central Sindical, a Central Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, CTB.

A partir da eleição como secretário sindical nacional do PCdoB e da entrada da CSC na CUT, João Batista passa a desenvolver intensa atividade em vários Estados, sendo a Bahia um dos principais, já que aqui o Partido sempre teve forte presença no movimento sindical nas mais importantes categorias.

O contato direto de Batista com o movimento sindical classista baiano fez reforçar a unidade na luta dos trabalhadores para enfrentar os anos de neoliberalismo de Fernando Henrique Cardoso e o autoritarismo dos governos locais. Esta unidade foi fundamental para a realização de importantes jornadas de luta contra as privatizações na Bahia, para a defesa dos direitos dos servidores públicos, contra o desemprego em defesa da redução da jornada de trabalho.

João Batista foi um dos principais responsáveis pela elaboração do conceito da resistência estratégica dos trabalhadores para enfrentar as políticas neoliberais. A Resistência Estratégica consistia, grosso modo, na necessidade de acumular forças para iniciar um novo momento de ofensiva da luta dos trabalhadores e se contrapunha às estratégias que, diante das dificuldades de mobilização, pregavam a negociação de direitos e a flexibilização da legislação trabalhista. A CSC defendia a mobilização dos trabalhadores e a unidade da classe para enfrentar a onda regressiva neoliberal e reafirmava o caráter de luta dos sindicatos. A resistência estratégica se diferenciava das teses de conciliação, do sindicalismo de resultados e do sindicalismo propositivo, que ganhavam força dentro da CUT e de outras centrais sindicais.

Aplicando a tese de Resistência Estratégica, o sindicalismo classista baiano iniciou o segundo ciclo de renovação do movimento sindical na Bahia, que sucedeu o primeiro ciclo, ocorrido ainda no fim do regime militar e que consistiu na retomada dos sindicatos pelas oposições sindicais. Para enfrentar os ataques das elites, era preciso ampliar a luta para outros segmentos de trabalhadores e para setores avançados da sociedade. Agora não se tratava apenas de fazer a luta salarial, era necessário dar resposta para as ideias neoliberais que pregavam o fim dos sindicatos, o fim do socialismo e... o fim do trabalho.

O segundo ciclo de renovação do sindicalismo classista consistiu em construir a unidade dos trabalhadores do campo e da cidade, defender a unicidade sindical como necessidade política para enfrentar o divisionismo e a fragmentação proposta pela reforma sindical, defender o caráter amplo, de massas, democrático e de luta dos sindicatos, incluir novas bandeiras na plataforma de luta dos trabalhadores, além de formação política dos dirigentes sindicais para torná-los aptos a compreender a complexidade do novo momento que se vivia e para qualificar a ação política dos sindicatos.
João Batista da Rocha Lemos, conhecido de norte a sul do Brasil como BATISTA, ajudou os sindicatos baianos a enfrentar o desemprego e o arrocho salarial, participou diretamente da luta pela renovação classista da FETAG e pela consolidação da APLB e dos demais sindicatos de servidores públicos no Estado. Batista sempre foi figura marcante nos congressos da CUT Bahia, orientando as importantes vitórias da CSC naqueles fóruns, participou de todos os mais importantes fatos dos sindicatos de bancários, metalúrgicos, trabalhadores na indústria de bebidas, têxteis, eletricitários, servidores federais e tantas outras importantes categorias de trabalhadores.

A presença marcante de Batista na Bahia fez com que se constituísse uma unanimidade em torno de si, de respeito e referência, por parte dos seus companheiros e camaradas. O contato com Batista fez com que uma geração de sindicalistas baianos adquirisse uma nova visão de mundo; suas intervenções nos congressos e encontros de trabalhadores permitiram novas abordagens de fenômenos decorrentes da relação capital/trabalho; sua perspicácia e inteligência descortinavam um mundo novo para todos aqueles que já desacreditavam nas mudanças mais profundas na sociedade; seu jeito simples de ser, despojado, sem vaidades, sempre alegre, sempre embandeirado da luta da luta pela felicidade geral, nos faziam ver nele o que sempre foi, um baiano, disfarçado de paulista, mas baiano, daqueles que adoram uma boa conversa, regada de muita crença no futuro, boas risadas e muito *axé*.

Axé, Batista, soteropolitano por opção e pelo jeito de ser.

Sala das Sessões, 29 de abril de 2013.
EVERALDO AUGUSTO